

ATENÇÃO FARMACÊUTICA NA DOR

Maria das Graças Silva Mattede¹; José Edss Dalapicola²; Eduardo Prates Pereira³

1. Coordenadora do Curso de Farmácia e Professora de Estágio Curricular Supervisionado.

2. Professor de Estágio Curricular Supervisionado.

3. Professor de Matemática e Bioestatística.

Autor responsável E-mail: mmattede@unesb.br

INTRODUÇÃO

Sir William Osler já dizia em suas observações que o desejo de tomar remédio constitui talvez a maior característica que distingue o homem dos animais. Através deste princípio, a Farmacologia teve seu marco, no início da Química Farmacêutica, pelo farmacêutico alemão Frederick Sertürner, que extraiu, em 1803, do ópio o alcalóide morfina.

Pesquisas mostram que a maioria dos brasileiros anda com um comprimido de analgésico no bolso e que 89% tomam algum tipo de analgésico, quando sentem dor de cabeça de qualquer intensidade. O uso indiscriminado de analgésico, em países como Estados Unidos e Inglaterra, tem causado preocupação para os profissionais da área da saúde, uma vez que os sintomas de cefaléia tensional podem confundir com as cefaléias de quadros complexos que merecem atenção e tratamentos distintos, pois a dor é um sintoma de que está ocorrendo alguma alteração fisiológica que resultará em uma patologia ou doença.

A automedicação por analgésicos merece uma avaliação criteriosa da comunidade científica, uma vez que os efeitos colaterais destes medicamentos são os mais variados possíveis, podendo levar o indivíduo a desenvolver, desde a dependência do medicamento até os severos efeitos adversos como hipersensibilidade, sangramento digestivo e síndrome de Reye.

O farmacêutico no exercício da atenção farmacêutica em atividade dentro da farmácia ou drogaria poderá realizar cuidados ou serviço de orientação ao paciente, colaborando, assim, com a comunidade em que, na maioria das vezes, o ponto de partida entre a relação do uso indiscriminado do medicamento inicia-se na farmácia. Este fato deve-se a vários fatores, dentre eles destacam-se os mais importantes, como os culturais, sociais, econômicos e políticos de uma comunidade (ZUBIOLI, 2001).

Observa-se que um dos fatores do uso indiscriminado mais freqüente é a propaganda e o nome fantasia do medicamento, favorecido pela mídia e ao grupo social a que pertence. No Brasil, os medicamentos são causas freqüentes de intoxicação, dentre eles os analgésicos e antiinflamatórios. Outro fato preocupante é a livre comercialização destes medicamentos e o fácil acesso às farmácias e drogarias pelos clientes.

Objetivos

- Verificar a incidência do uso indiscriminado de analgésicos;

- Avaliar os fatores que estimulam o indivíduo a usar os analgésicos de forma indiscriminada;
- Estimular o estudante de farmácia para o exercício da Atenção Farmacêutica.

Material e métodos

Foi elaborado um protocolo para acompanhamento dos clientes que procuravam as drogarias ou farmácias conveniadas e que se dirigiam ao estabelecimento farmacêutico, com a finalidade de adquirir medicamento para dor. Os acadêmicos do curso de graduação em Farmácia, ao realizar o estágio supervisionado, preenchiam o protocolo de investigação e realizavam a Atenção Farmacêutica aos usuários.

As investigações foram realizadas em pacientes que procuravam a farmácia ou drogaria, queixando-se de dor superficial do tipo cefaléia e que residiam no Município de Colatina e arredores. O protocolo de acompanhamento foi subdividido em quatro partes. Na primeira, foram relacionados os dados pessoais do paciente: nome, idade, sexo, profissão, endereço e grau de instrução.

Na segunda, foram coletadas as informações sobre o medicamento que, em especial, eram os analgésicos: a classificação do analgésico, substância ativa, nome comercial, dose, forma de apresentação. A terceira parte ficou reservada à Atenção Farmacêutica, incluindo comportamento do paciente e sua relação com este medicamento: receita médica, auto-medicação, motivo da compra do medicamento e a quarta parte, destinada ao comportamento do paciente frente a outros tratamentos que podem ser utilizadas para minimizar a dor como o uso de fitoterapia e acupuntura.

Resultados

Das 505 pessoas avaliadas, as mulheres na freqüência de 51,90%, compram mais analgésicos que os homens 48,10%. A distribuição da faixa etária que mais utiliza analgésico está representada da seguinte forma: 26,60% entre 20 a 30 anos; 24,20% nos indivíduos de 30 a 40 anos seguidos de 15,80% para os entre 40 a 50 anos e entre 10 a 20 anos 14%.

Os indivíduos entre 50 a 60 anos adquirem na freqüência de 8,30%. De acordo com a classe social as que mais compram são: **Classe B** 46,70%, **Classe C** 39,80%, **Classe A** 7,00% e **Classe D** 6,50%. Comparando com o grau de instrução a freqüência de aquisição de analgésicos ficou

assim distribuída: Os indivíduos que possuíam o segundo grau 49,40%, primeiro grau 28,90%, terceiro grau 18,4% e terceiro grau 18,40% e analfabetos 3,4%. A frequência de analgésicos adquiridos pela comunidade com receita médica foi de 16,20% e sem receita médica foi de 83,80%.

Quando perguntado ao cliente porque a preferência por um determinado tipo de analgésico, as respostas mais frequentes foram: eficácia 78,00%; preço baixo: 9,00%; seguido de sem efeitos colaterais: 5,40% e outros com associações dessas justificativas.

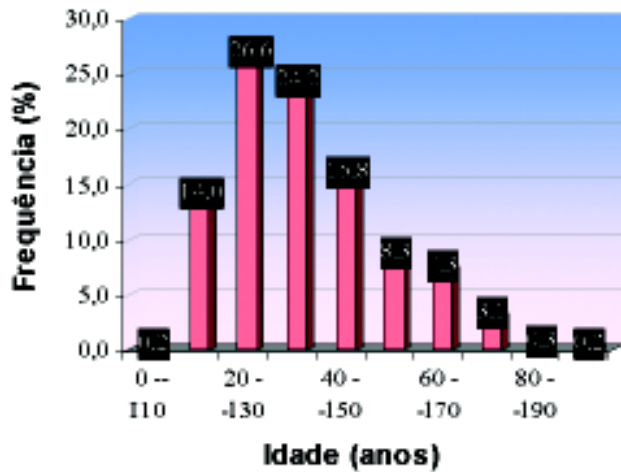


FIGURA 1: Faixa etária dos indivíduos.

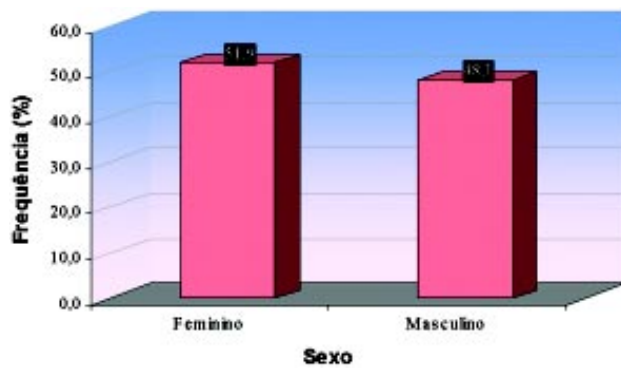


FIGURA 2: Percentual do uso de analgésicos, de acordo com o sexo.

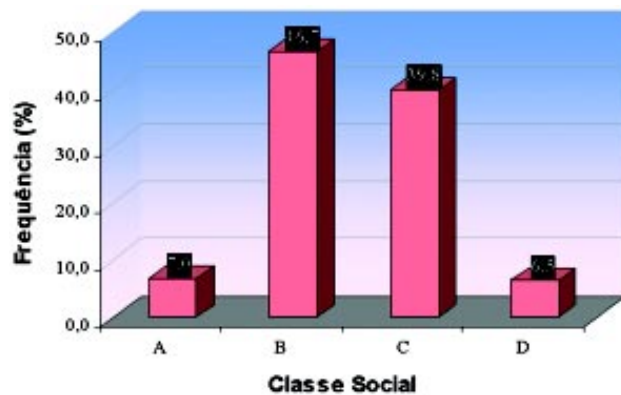


FIGURA 3: A aquisição de analgésicos pelas diferentes classes sociais.

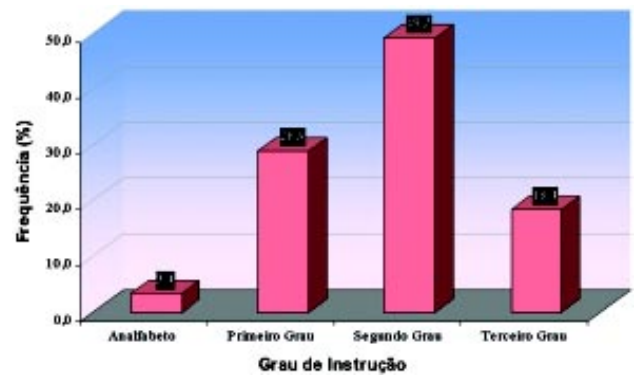


FIGURA 4: Grau de instrução dos indivíduos e o consumo de analgésicos

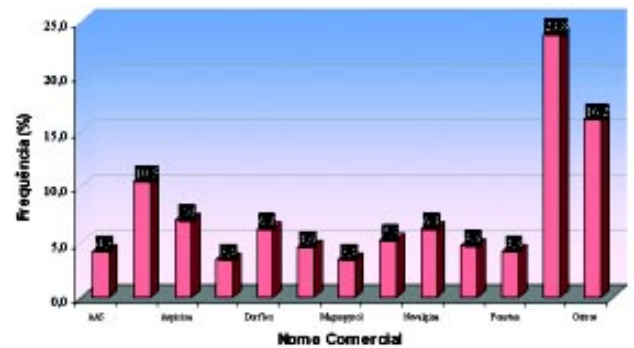


FIGURA 5: Frequência dos analgésicos mais solicitados pela comunidade.

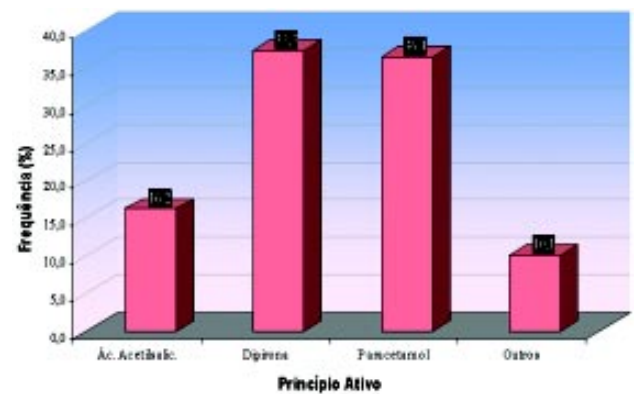


FIGURA 6: Frequência dos medicamentos solicitados segundo o princípio ativo.

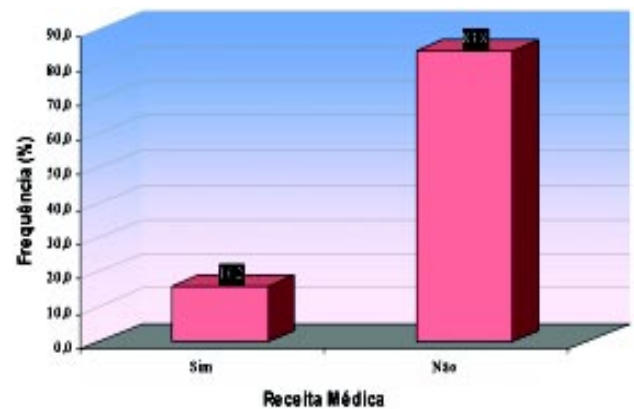
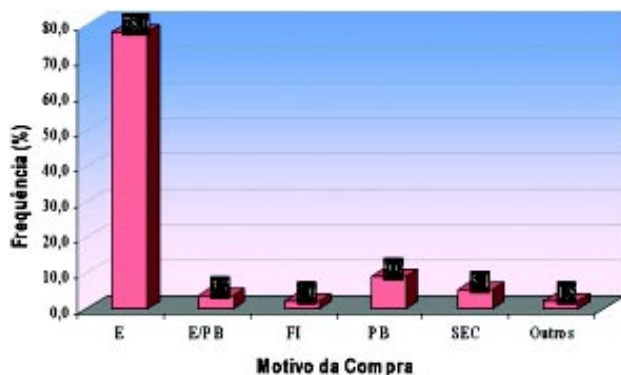


FIGURA 7: Aquisição de analgésicos com receita médica.



E = eficaz FI = fácil ingestão PB = preço baixo
 SEC = sem efeitos colaterais.

FIGURA 8: Justificativa da preferência por determinado analgésico.

Discussão

A questão do alívio da dor sempre deu origem a controvérsias entre os clínicos. O motivo é que a dor e seu tratamento são influenciados por múltiplos fatores, incluindo fenômenos bioquímicos, fisiológicos, farmacológicos e psicológicos e tanto mulheres como homens atualmente podem ter influências destes fatores daí o fato de estar muito próxima a frequência do seu uso entre homens e mulheres (NEIDLE, KROEGER & YAGIELA 1983).

O mercado dos analgésicos representa milhões de dólares e a indústria farmacêutica parece estar investindo mais na promoção das virtudes dos fármacos já comercializados do que no desenvolvimento de novos fármacos mais eficazes. A interpretação das vantagens atribuídas aos diversos analgésicos é tarefa complexa, pois não há nenhum instrumento para medir a intensidade da dor como existe para medir a pressão arterial e a febre. Então, se torna necessário depender unicamente das informações do paciente, fortalecendo assim a importância da Atenção farmacêutica neste sentido (OGA & BASILE, 2001).

O Ácido Acetilsalisílico (aspirina) é comercializada, desde 1899, mas, até hoje, nenhum outro fármaco de ação periférica demonstrou eficácia superior. Os norte-americanos consomem mais de 20 toneladas diárias de ácido acetilsalisílico e existe neste mercado mais de 400 apresentações diferentes deste fármaco que além de ação analgésica é anti-inflamatório e antipirético.

O paracetamol é um analgésico e antipirético que é o fármaco alternativo ao ácido acetilsalisílico e, desde 1949, vem sendo amplamente promovido por possuir menos efeitos colaterais. Porém sua história remota do século XIX, quando comprovada a atividade antipirética de derivados da anilina. Ele demonstra ser mais ativo inibidor de protaglandina – sintetase do SNC e menos ativo na periferia.

A dipirona é um analgésico e antipirético muito utilizado em diversos países onde sua propaganda é permitida. No tocante aos efeitos colaterais e qual o motivo da escolha de um determinado analgésico pelo cliente na drogaria ou farmácia, a literatura demonstra os graves efeitos colaterais por eles produzidos como a anemia hemolítica e aplasia de

medula óssea tem sido reportada durante o uso de dipirona (ANON, 1986; KULKARNI, BAKHLE & PINTO, 1985).

Agranulocitose é a ocorrência mais freqüente durante a administração de dipirona e pode ser fatal tendo muitos casos acontecidos, durante 20 anos de uso de dipirona, na Holanda e Tailândia (ANON, 1973; KIATBOONSRI & RICHTER, 1988; KIATBOONSRI & RICHTER, 1989). A incidência da indução de agranulocitose tem variação geográfica. E aparece em altas frequências, em Barcelona e em Berlim, e, em pequenos índices, em Budapeste, Tel-Aviv e Sofia (ANON, 1973; ANON, 1986) e varia de estudo para estudo.

Diferenças regionais são muito provavelmente relatadas pela avaliação e uso em modelos em vários países. A incidência de agranulocitose varia em 1,1 por milhão, durante a primeira semana de administração (ANON, 1986). Cálculos baseados em dados levantados sugerem que o uso da dipirona está associado a menos de 7 mil casos, por ano, no mundo todo (KIATBOONSRI & RICHTER, 1989).

Efeitos centrais mais significativos é sonolência, astenia e cefaléia (PAEILE & GALLARDO, 1974). Efeitos gastrointestinais incluem náusea, vômitos, irritação gástrica e xerotomia, que têm sido relatados com a administração parenteral de dipirona (MARTHAK et al, 1991; PAEILE & GALLARDO, 1974). Bronco-espasmo também tem sido descrito em administrações contínuas de dipirona.

Entre as reações cutâneas, podem ser encontrados necrose epidermal tóxica, urticária, “rash” cutâneo (ANON, 1973). Choque anafilático também pode acontecer, com uma incidência de um caso em 5 mil administrações (BABEJDOLLE et al., 1994; KIATBOONSRI & RICHTER, 1988).

As mães foram questionadas sobre o uso de medicamentos, durante a gravidez, para se determinar a correlação do desenvolvimento do tumor e o uso de medicamentos e a dipirona foi a mais utilizada durante a gravidez de mulheres cujos filhos apresentaram o tumor, possivelmente devido à facilidade de acesso à droga. Sem dados de estudos prospectivos, o aumento na incidência de tumor de Wilms em crianças expostas à dipirona não pode ser atribuída definitivamente ao fármaco, no entanto, baseado nesses estudos o uso de dipirona durante a gravidez deve ser evitado (SHARPE & FRANCO, 1996).

Conclusões

Como se pode perceber, os analgésicos são medicamentos que são acondicionados de forma de fácil acesso nas drogarias e farmácias principalmente devido à própria cultura brasileira de adquiri-los facilmente sem receita médica, como também da variedade de nomes comerciais já conhecidos pela comunidade, levando em conta inclusive, a divulgação na mídia. Portanto, diante dos resultados pode-se concluir que:

- Deve-se educar a comunidade sobre o uso racional do medicamento;
- É necessário desenvolver modelos sobre orientação e atenção farmacêutica enfatizando os efeitos colaterais dos analgésicos;
- Promover um serviço de orientação sobre a Atenção farmacêutica da dor para atender melhor o cliente sobre a escolha do analgésico adequado no momento de sua dúvida de escolha diante

dos vários nomes comerciais em drogaria ou farmácia, como também;

- Elaborar dados estatísticos da comunidade local sobre o analgésico mais consumido envolvendo efeitos colaterais, custo e facilidade de ingestão para conscientização do seu uso racional.

Pesquisa realizada pelos acadêmicos do curso de graduação em Farmácia do Unesc, semestres 2001/2 - 2002/1, disciplinas de Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório em Drogaria / Farmácia Comunitária I e II, Campus I. Rua Fioravante Rossi, 2930- Bairro Martinelli – Colatina (ES) - CEP 29703-810.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBATE, R.; GORI, A. M.; PINTO, S. et al. Cyclooxygenase and lipoxygenase metabolite synthesis by polymorphonuclear neutrophils: in vitro effect of dipyron. Prostaglandin Leukotriene Ess Fatty Acids. v.41, p.89-93, 1990.

AGAR, J. W. Cyclosporine A and mefenamic acid in a renal transplant patient. Aust. N. Z. J. Med., v.21, p.784-785, 1991.

AHMAD, S. Indomethacin-enalapril interaction: an alert (letter). South Med. J. v.84, p.411-412, 1991.

ALTMAN, R.D.; PEREZ G.O.; SFAKIANAKIS, G.N. Interaction of cyclosporine A and nonsteroidal anti-inflammatory drugs on renal function in patients with rheumatoid arthritis. Am. J. Med. v.93, p.396-402, 1992.

ANON. Comparative study of the efficacy of dipyron, diclofenac sodium and pethidine in acute renal colic. Eur. J. Clin. Pharmacol., v.40, p.543-546, 1991.

ANON. Dipyron as a cause of drug rashes: an epidemiologic study. A report from the Boston Collaborative Drug Surveillance Program. Int. J. Epidemiol. v.2, p.167-170, 1973.

ANON. Risks of agranulocytosis and aplastic anemia: a first report of their relation to drug use with special reference to analgesics. JAMA, v.256, p.1749-1757, 1986.

ANTONINI, V.; MARAMA, N.; SERATI, J. C. Anuário Estatístico do Serviço de Farmácia Hospitalar – 1999. Curitiba: Serviço de Farmácia Hospitalar do HC-UFPR, 2000.

BABEJ-DOLLE, R.; FREYTAG, S.; ECKMEYER, J. et al. Parenteral dipyron versus diclofenac and placebo in patients with acute lumbago or sciatic pain: randomized observer-blind multicenter study. Int. J. Clin. Pharmacol. Ther. Toxicol., v.32, p.204-209, 1994.

FURST, D.E.; HERMAN, R.A.; KOEHNKE, R. Et al: Effect of aspirin and sulindac on methotrexate clearance. J. Pharm. Sci. v.79, p.782-786, 1990.

KIATBOONSRI, P.; RICHTER, J. Dipyron trials in Thailand (letter). Lancet, v.2, p.107, 1989.

KIATBOONSRI, P.; RICHTER, J. Unethical trials of dipyron in Thailand (letter). Lancet, v.2, p.491, 1988.

KULKARNI, R.D.; BAKHLE, D.S.; PINTO PEREIRA, L. M. Objective evaluation of antipyretic activity in human volunteers. IRCS Med. Sci., v.13, p.148-149, 1985.

MARTHAK, K.V.; GOKARN, A.M.; RAO, A. V. et al. A multi-centre comparative study of diclofenac sodium and a dipyron/spasmolytic combination, and a single-centre comparative study of diclofenac sodium and pethidine in renal colic patients in India. Curr. Med. Res. Opin., v.12, p.366-373, 1991.

NEIDLE, E.A.; KROEGER, D.C. YAGIELA, J.A. Farmacologia e terapêutica Para dentistas. RJ: Guanabara Koogan, 1983.

OGA, S.; BASILE, A.C. Medicamentos e suas interações. SP: Atheneu, 2001.

PAEILE, C.; GALLARDO, F. Analgesic activity of pentazocine and dipyron in ambulatory oral surgery patients. J. Oral Surg. v.32, p.191-194, 1974.

PAHOR, M.; GURAINIK, J.M.; FURBERG, C.D. et al. Risk of gastrointestinal haemorrhage with calcium antagonists in hypertensive persons over 67 years old. Lancet, v.347, p.1061-1065, 1996.

SHARPE, C.R.; FRANCO, E. L. Use of dipyron during pregnancy and risk of Wilms' tumor. Epidemiol. v.7, p.533-535, 1996.

ZUBIOLI, A. Farmácia Clínica na Farmácia Comunitária. Brasília, Ethosfarma: Cidade Gráfica, 2001.

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES ANALGÉSICA E ANTINFLAMATÓRIA DO EXTRATO METANÓLICO DE CALOTROPIS PROCERA, R. BR. (CIÚME)

Francisco Erivaldo Vidal BARROS¹; Maria da Glória Teixeira de SOUSA¹; Jociene Lima COSTA¹; Roberto Sigfrido Gallegos OLEA²; Sônia Maria de Farias FREIRE³; Antonio Carlos Romão BORGES³; Marilene Oliveira da Rocha BORGES³

1. Acadêmicos do Curso de Farmácia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.
 2. Docente do Departamento de Química – UFMA.
 3. Docentes do Departamento de Ciências Fisiológicas – UFMA.
- Autor responsável E-mail: romao@ufma.br

INTRODUÇÃO

A espécie vegetal *Calotropis procera*, R. Br. (Asclepiadaceae), originária da África, Índia e Pérsia, é de ocorrência subspontânea e comum na região Nordeste do Brasil,

onde é conhecida popularmente como “ciúme”, “ciumeira” ou “algodão de seda” (JOLY, 1979).

O látex de *Calotropis procera* apresentou atividade antiinflamatória (KUMAR; BASU, 1994) e analgésica cuja potência é comparada ao ácido acetilsalicílico (DEWAN *et*